

As fotografias são da cortesia da autora

## FICHA TÉCNICA

Titulo original: *The Hand on the Mirror – A true story of life beyond death*

Autora: *Janis Heaphy Durham*

Copyright © 2015 by Janis Heaphy Durham

Edição portuguesa publicada por acordo com Grand Central Publishing,  
Nova Iorque, EUA

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Marta Mendonça*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2016

Depósito legal n.º 403 338/16

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

# ÍNDICE

|   |     |
|---|-----|
| Introdução .....  | 13  |
| 1. A mão no espelho .....   | 19  |
| 2. A família é importante.....  | 27  |
| 3. O Max.....   | 47  |
| 4. O vale da sombra da morte .....  | 55  |
| 5. O desenrolar de estranhas ocorrências.....   | 61  |
| 6. Começa a viagem.....   | 73  |
| 7. Surge um padrão .....  | 95  |
| 8. Estará o Max a tentar contactar comigo?.....                                       | 105 |
| 9. Acontecimentos importantes .....   | 121 |
| 10. Lições de um engenheiro aeroespacial .....  | 129 |
| 11. Conseguiremos sair do nosso corpo?.....   | 145 |
| 12. Fantasmas: reais ou imaginados? .....   | 157 |
| 13. Tapetes mágicos .....   | 167 |
| 14. Estarei a enlouquecer?.....   | 173 |
| 15. Não estou louca.....  | 185 |
| 16. Um despertar espiritual.....  | 203 |
| 17. Experiências de quase-morte: provas da existência de<br>vida depois da morte..... | 209 |

|   |     |
|---|-----|
| 18. O que será pior do que perder o cônjuge?..... | 221 |
| 19. Médiuns: reais ou ficção? .....               | 235 |
| 20. Desafiar a comunidade científica .....        | 245 |
| 21. Desafiar os meios de comunicação .....        | 259 |
| 22. Encontrar a minha mãe.....                    | 271 |
| 23. Comunicar com o Além .....                    | 283 |
| 24. Encontrar-me a mim mesma.....                 | 297 |
| <br>  |     |
| Epílogo .....                                     | 307 |
| Agradecimentos .....                              | 309 |

# Introdução

Esta é a história de uma invulgar viagem pessoal. Não é o que se esperaria de uma pessoa com a minha educação tradicional e com experiência no mundo rigoroso dos jornais. Começa com a morte prematura do meu amado marido, Max Besler, em 2004, e acompanha uma série de acontecimentos extraordinários que a princípio me deixou assustada, mas que depois me intrigou. Desenrolando-se ao longo de oito anos, esta é a história do meu crescimento espiritual e de como a minha mente se abriu gradualmente a realidades que antes teria considerado inimagináveis. É uma história sobre o amor e sobre a forma como ele nos une a todos num universo muito mais fascinante do que alguma vez imaginara. No final, espero que a minha história seja uma fonte de energia para todos os que são bafejados pela morte, o que, como é óbvio, inclui toda a gente.

A questão sobre o que acontece depois de morrermos sempre nos intrigou. A temática faz-nos sentir pouco à vontade. Aqui estamos nós, a viver uma vida ativa e plena. Por que razão haveríamos de querer pensar na morte? É então que ela acontece. Perdemos alguém que amamos e damos por nós a contemplar a morte e a vida depois dela. Cientistas, teólogos, escritores,

músicos, poetas e artistas – todos já abordaram, direta ou indiretamente, esta questão. Ela é o ponto fulcral do sistema de crenças da religião organizada, com o qual cresci enquanto presbiteriana. Acreditamos que, quando alguém morre, vai para o Céu. Mas o que é exatamente o Céu?

Se soubéssemos, por intermédio não só da fé nas nossas religiões como também da ciência moderna, que a nossa consciência sobrevive após a morte, isso afetaria profundamente a forma como nos comportamos. Penso poder dizer-se que a questão de existir ou não existir vida depois da morte é a mais importante da vida. O que é que pode ser mais importante do que isso? *A Mão no Espelho* sugere que depois de morrermos continuamos a existir, sob outra forma. Isto é, a vida não termina com a nossa morte física. Tenho esperança de abrir a mente do leitor para esta possibilidade.

A principal motivação para escrever *A Mão no Espelho* foi a possibilidade de encorajar as pessoas a discutirem abertamente as suas experiências de comunicação com um ente querido depois do seu falecimento. Espero que este livro proporcione ao leitor não só uma estrutura emocional como também uma base intelectual de legitimidade para essas mesmas discussões, que devem ser tidas abertamente, livres de constrangimentos. Enquanto sociedade, só teríamos a ganhar com a eliminação do estigma associado à partilha de histórias pessoais sobre a vida depois da morte, incluindo as que envolvem o sobrenatural, como é o caso da minha.

O receio de humilhação foi um fator importante, ao longo destes anos, na minha relutância em escrever este livro. Tinha consciência do carácter polémico do que ia revelar, e andava obcecada com o que a minha família e os meus amigos poderiam pensar. Sabia, como é evidente, que eles gostavam muito de mim, mas receava que isso não os impedisse de pensar que o meu

desgosto profundo me tinha afetado o discernimento. E estava também preocupada com o meu círculo mais amplo de amigos e pessoas próximas, em particular aquelas com quem trabalhava. Estava convencida de que a natureza bizarra dos acontecimentos por que passei seria inaceitável para muitas dessas pessoas defensoras dos factos. E quem é que poderia censurá-las? A história é incrível, completamente fora do normal. E, não obstante existirem fotografias que a documentam, as pessoas têm por hábito acreditar somente no que querem acreditar, não no que pode ser inacreditável mas real.

Sei que não sou a única a recear ser julgada. Como parte da minha investigação, partilhei a minha história e as respetivas fotografias com uma série de pessoas, e muitas delas confidenciaram-me as suas experiências de factos do outro mundo. Aliás, estavam ansiosas por contar-me as suas histórias, e às vezes acrescentavam que nunca as tinham contado, em alguns casos nem sequer aos próprios cônjuges, por receio da forma com seriam encaradas. Tomar conhecimento da relutância dessas pessoas deu-me coragem para vir a público.

A maior parte das histórias tem personagens, e esta não foge à regra. O leitor conhecerá a minha família, os meus amigos, professores, investigadores, psicólogos, físicos, especialistas em espiritualidade, médiuns e um sem-número de outros indivíduos que fizeram parte desta viagem e que foram fundamentais para a minha investigação. Poderá ficar surpreendido com as similaridades de pensamento entre eles, apesar de nem sempre serem expressas no mesmo tipo de linguagem. Conhecerá uma série de importantes líderes científicos nesta área, e tomará conhecimento das frustrações que eles sentem enquanto tentam avançar nos seus estudos. Espero que passe a vê-los tal como eu os vejo: como pessoas fascinantes.

Algumas questões técnicas vão muito além dos meus conhecimentos, mas tentei descrever princípios e progressos científicos de uma maneira que o leitor médio possa compreender. O meu objetivo é permitir que os cientistas, assim como o seu trabalho, recebam a atenção generalizada que merecem.

A mudança efetiva não acontece de cima para baixo, mas sim de baixo para cima. As pessoas apoiam uma ideia e acontecem coisas incríveis. Abraham Lincoln expressou isto bem: «Com a opinião pública, nada pode falhar; sem ela, nada pode ter sucesso.» Se o leitor se sentir seguro para partilhar as suas histórias sobre a sobrevivência da consciência e sobre a vida depois da morte, as coisas irão arrancar. Isso permitirá levar o tema até ao público em geral, o que talvez conduza a uma cobertura mais extensa, precisa e séria por parte dos meios de comunicação. A partir de tal arranque, os cientistas poderão explorar esse campo num ambiente mais recetivo e devidamente financiado. Qualquer contributo deste livro para facilitar o arranque ser-me-á muito recompensador.

Uma aceitação crescente da sobrevivência da consciência e, naturalmente, da vida depois da morte tem o potencial de provocar mudanças em todos nós. Vivemos as nossas vidas dando maior ênfase ao amor e menos ao receio de perda. E talvez, mas só talvez, começaremos a compreender o nosso propósito.

*Janis Heaphy Durham*



CAPÍTULO 1

## A mão no espelho

No dia 8 de maio de 2005, um domingo, a minha realidade mudou. Foi o dia em que descobri uma marca enorme de mão no espelho de uma das casas de banho da minha casa em Sacramento, na Califórnia. Não se tratava de uma marca de mão normal. Parecia ser composta por uma substância macia, branca e feita de pó, e deixava ver toda a estrutura óssea, como se fosse um raio-X. Ao examiná-la mais de perto, vi que se tratava da mão de um homem, por causa do formato masculino dos dedos e da base larga da palma da mão. A marca estava isolada; a imagem, afixada no espelho e impecavelmente delineada. Tinha aparecido do nada. Literalmente do nada.

O dia em que a marca de mão apareceu foi o do primeiro aniversário da morte do meu marido, Max Besler. O Max tinha falecido na sala de estar da nossa casa, rodeado de familiares e amigos. Estávamos casados havia quatro anos quando lhe foi diagnosticado um cancro esofágico, aos cinquenta e seis anos. Seis meses depois faleceu, deixando de rastos o meu filho de catorze



anos, Tanner, e eu própria. Ambos amávamos muito o Max, e os três tínhamo-nos transformado numa família. No domingo do Dia da Mãe, um ano mais tarde, eu continuava a braços com o meu desgosto e estava preocupada com a forma como o Tanner estava a lidar com o dele. Era muito jovem e impressionável, e, tal como a maior parte dos jovens da idade dele, não era particularmente conversador. Estive melancólica e alerta durante esse primeiro aniversário, vigilante no meu papel de mãe e de protetora.

Eu e o Tanner estávamos sentados à pequena mesa do nosso pátio das traseiras, a desfrutar o sol do princípio da tarde. O Tanner dividia o seu tempo entre a nossa casa, em Sacramento, e a casa do pai, em El Dorado Hills, que ficava a cerca de trinta minutos de distância. O divórcio nunca é um processo fácil, mas eu e o seu pai, Bob Heaphy, estávamos decididos a manter os interesses do Tanner em primeiro plano. Tínhamos trabalhado com afinco na elaboração de um plano constante e fiável para ele, e tínhamos-lhe garantido por meio de ações e palavras que, apesar de morar em duas casas, era profundamente amado e apoiado em ambas. O Max tinha sido um acréscimo a esse amor. Nesse dia tão importante, sentia-me reconfortada por ter o Tanner, com o seu cabelo louro muito curto e um físico atlético, ao meu lado. Adorava observá-lo concentrado nos trabalhos de casa, e esbocei o sorriso maternal típico quando reparei no seu hábito de mexer os lábios enquanto lia para si mesmo. Passado algum tempo, percebemos que estávamos com fome e eu levantei-me da mesa para ir à cozinha preparar um pequeno lanche. O Tanner comia como qualquer adolescente saudável, isto é, a toda a hora. Além disso, a comida distraía-nos da tristeza que tínhamos no coração durante esse dia de aniversário.

A nossa casa foi construída em forma de U, com o quarto principal, o quarto do Tanner e uma salinha do lado esquerdo do U, e a sala de estar, a sala de jantar e a biblioteca ao centro. Do

lado direito do U ficava a nossa cozinha, o quarto dos hóspedes, a lavanderia e a saída para a garagem. O Max passara o seu último mês de vida no quarto das visitas, pois sentia-se mais à vontade a dormir sozinho, uma vez que tinha imensas dores. E insistira em que eu precisava de dormir porque estava a trabalhar.

Antes de entrar na cozinha para preparar o nosso pequeno lanche, parei na casa de banho do quarto dos hóspedes. Foi então que vi a marca de mão. Sabia que tinha sido feita recentemente porque não estava lá quando me tinha penteado diante do mesmo espelho uma hora antes. Pasmada com a imagem, fiquei petrificada durante pelo menos um minuto inteiro. Não compreendia o que estava a ver. Aos cinquenta e três anos, nunca tinha passado por nada tão exterior à esfera humana como essa marca de mão. Os meus olhos estavam fixos em algo inexplicável. O meu cérebro estava a trabalhar a cem à hora para tentar acompanhar os meus olhos. Estaria a perder o juízo? Talvez. Teria alguém entrado na casa para nos pregar uma partida? Era pouco provável.

O Tanner e eu teríamos visto ou ouvido alguém entrar através das portas abertas que davam para o pátio. E como é que uma mão humana podia ter a mesma transparência de um raio-X? Aos poucos, recuperei a voz e consegui gritar as seguintes palavras: – Tanner, vem cá! Rápido! Despacha-te!

– O que é que se passa, mãe? Estás bem? – perguntou.

– Olha para isto! – exclamei. – Não foste tu, pois não? – Por essa altura, já soava algo histérica aos meus próprios ouvidos.

Logo que as palavras saíram da minha boca, percebi que não tinha sido ele a deixar a marca de mão, pois estivera sentado ao meu lado o tempo todo em que tínhamos estado a trabalhar juntos e durante a hora passada desde que tinha vindo pentear-me à casa de banho. Por uma questão de exclusão de partes, pedi ao Tanner para encostar a sua mão direita ao lado da marca feita de

pó da mão direita, para compará-las. Percebi quão ridículo tinha sido achar que poderia ter sido ele a deixar a marca. A imagem era muito maior do que a sua mão e tinha um formato diferente.

Ambos olhámos fixamente para a marca de mão, mudos e estupefactos. Aos poucos, desviámos o olhar da imagem e virámo-nos um para o outro. Entreolhámo-nos. Sabíamos que estávamos a assistir a algo espantoso e estávamos um pouco assustados. Era tão estranho! Não fazíamos ideia do que era. As nossas mentes não conseguiam assimilar o que os nossos olhos estavam a dizer-nos.

— Não estou a perceber, mãe. O que será? — perguntou o Tanner, voltando o olhar para o espelho.

Pensei bem antes de responder-lhe. Reagir dramaticamente não seria bom para nenhum dos dois. O meu instinto maternal começou a funcionar e decidi acalmar-me. Queria parecer segura e ser um bom exemplo para ele. Tinha aprendido que as crianças nos interpretam com mais clareza do que pensamos, e dramatizar não seria benéfico para ele — nem para mim, verdade seja dita. Mas também sabia que tinha de ser sincera, e fingir que não se tratava de algo extraordinário seria incorreto da minha parte.

— Não tenho bem a certeza, Tanner.

E atrevi-me a colocar uma pergunta também: — Na tua opinião, poderá ter alguma coisa que ver com o Max, já que faz hoje um ano da sua morte?

Sabia que ele adorava o Max, por isso não ficaria assustado com a pergunta. Sabia também que não era a primeira vez que testemunhámos algo invulgar desde a morte do Max, mas nada de minimamente semelhante à natureza chocante da marca de mão.

— Talvez; mas não achas estranho? Como é que ele pode deixar uma marca se já morreu, mãe? — perguntou o Tanner.

Era claro que eu não tinha uma resposta, apenas a noção de que tinha de permanecer calma e inquiridora, mas não emotiva. — Acho

que por enquanto não temos como saber, Tanner. Porque é que não fazes uma pausa e vais lá fora fazer uns lançamentos de basquete?

— Está bem, mãe; mas liga-me se precisares de mim — respondeu-me, soando bastante maduro.

Abracei-o e disse-lhe que iria ter com ele lá fora daí a uns minutos. Fui buscar a máquina e tirei várias fotografias. Não sabia a que correspondia a imagem, mas sabia que devia documentá-la. Devia ter tirado mais e mandado analisar a substância semelhante a pó, ou mandado fazer um exame forense às impressões digitais. Mas estava tão atónita que isso nem sequer me ocorreu.

O que me ocorreu foi o significado do *timing* da marca de mão. Tinha aparecido exatamente no aniversário da morte do Max, levantando de imediato a questão de que ele poderia estar a tentar entrar em contacto comigo. Tal como a maioria das mulheres, lembrava-me perfeitamente das mãos do meu marido. A marca da palma grande no espelho, bem como dos dedos compridos e esguios, fazia lembrar o formato das mãos do Max.

Não tinha uma explicação para o fenómeno, mas de facto não se encaixava de todo nas tradições que eu tinha aprendido ao crescer. Em criança, fora fortemente influenciada pelo meu pai, um pastor presbiteriano com uma dedicação profunda a Deus e à sua fé. Mas, tal como muitas outras pessoas, a minha mentalidade evoluiu à medida que fui crescendo. A fé já não era o ponto fulcral do meu dia a dia, pelo que não tinha uma solução concreta para perceber como é que a marca de mão poderia estar relacionada com o Céu ou com a vida depois da morte. O que eu sabia, de facto, era que estava a experimentar uma dimensão completamente desconhecida. Estava pasmada com aquele mistério.

Tive de perguntar a mim mesma se se trataria de uma ocorrência paranormal. Seria um fantasma? Já que o Max tinha falecido na nossa casa, teria uma parte dele permanecido nela?

Teria ele descoberto uma forma de entrar em contacto comigo que era um verdadeiro milagre? Sempre fui uma pessoa de mente aberta, e queria manter essa abertura. Mas também me sentia assustada. Enveredar pelo desconhecido era intimidante.

Do ponto de vista prático, não dispunha de tempo para distrações nem para ter medo. Em vez disso, compartimentei esse acontecimento fora do vulgar, pondo-o de lado para me dedicar a ele mais tarde, quando me fosse possível. Afinal de contas, tinha um filho para criar e um trabalho para fazer. Estava totalmente focada em sobreviver à minha dor. A minha vida tinha sido virada do avesso com a morte do Max, e isso era tudo o que podia fazer para conseguir exercer as minhas funções de mãe e de diretora de um jornal. Valorizava imenso esses meus dois papéis. Faziam-me sentir realizada. Ser bem-sucedida em ambos era absolutamente imperativo para mim. Não podia fracassar.

A minha educação também teve uma grande influência na decisão de pôr o assunto de parte. O papel do meu pai enquanto pastor tornava-o uma figura proeminente na comunidade. Desde miúdos que nos tinha sido inculcada a ideia de que o nosso comportamento era representativo não só de nós próprios como também da nossa família e, por acréscimo, do cargo público do meu pai. Esperava-se que nos comportássemos corretamente e que não nos afastássemos do círculo convencional. Esse exemplo acompanha-me sempre, desde que sou adulta.

Na categoria de editora e diretora do jornal *The Sacramento Bee*, situado na capital do Estado da Califórnia, eu própria era uma figura pública. A nossa publicação tinha grande influência não só a nível local como também a níveis estatal e nacional, enquanto elemento principal da cadeia de jornais McClatchy Company. Quando fui contratada, lembro-me de um executivo da McClatchy me ter perguntado: – Sente-se à vontade quando é alvo de muita

atenção pública? – Só mais tarde, depois de já estar a trabalhar havia algum tempo, é que compreendi verdadeiramente a sua pergunta. A minha vida estava naturalmente sob o escrutínio público, e eu não estava disposta a alimentar qualquer tipo de críticas que pudesse ocorrer com a revelação de um acontecimento tão estranho. Pelo que o mantive em privado.

Sem saber o que fazer em relação à marca de mão depois de a ter descoberto, limitei-me a deixá-la no espelho até à quarta-feira seguinte, quando a minha empregada, a Helen Dennis, veio fazer a limpeza no dia habitual. A Helen tinha sido próxima do Max e fora uma ajuda enorme durante o período em que o Max andara a fazer os tratamentos para o cancro. Eu e ele confiávamos nela, e considerávamo-la parte da nossa família. Fora discreta no que dizia respeito aos pormenores da doença do Max e protegera tanto a privacidade dele quanto a sua dignidade quando ele adoecera. Antes de eu sair para o trabalho, levei-a à casa de banho para lhe mostrar a imagem. Queria ver a sua reação. Ficou estupefacta mas serena, enquanto fitávamos o espelho juntas. Ambas nos interrogámos se seria um sinal do Max, uma vez que estava associada ao aniversário da sua morte. Após uns minutos, e como eu sabia que tinha de ir trabalhar, disse-lhe que não havia problema e que podia limpar o espelho. Não via nenhum motivo para manter a marca além dos três dias que já lá tinha estado. Mais tarde, a Helen contou-me que tinha conseguido limpar a imagem com *Windex*, mas que fora obrigada a esfregar durante algum tempo.

Segui com a minha vida. Contudo, não obstante a minha determinação para seguir em frente, não conseguia esquecer o curioso mistério que tinha descoberto no espelho da casa de banho. Tratava-se de uma imagem poderosa, que deixou uma marca indelével na minha mente.



## CAPÍTULO 2

# A família é importante

O meu pai teve uma influência enorme durante o meu crescimento. A mais importante da minha vida. Sendo um homem extraordinário, ele era um autodidata em todos os sentidos.

A sua mãe, cujo nome de solteira era Agnes Anderson, chamava-se Agnes Olson e nasceu a 16 de abril de 1884, na Escânia, um condado da Suécia. No dia anterior ao do seu décimo segundo aniversário, viajou sozinha de barco desde Gotemburgo, na Suécia, até à América, com um bilhete comprado pela mãe. Apesar de a história da nossa família não nos informar sobre o motivo por que a Agnes veio para a América, acreditamos que tenha deixado a Suécia à procura de uma vida financeiramente melhor, como aconteceu com muitos jovens suecos que emigraram para os Estados Unidos no século XIX. Mas a Agnes era incrivelmente nova para viajar sozinha uma distância tão longa e nas condições terríveis do alojamento na terceira classe de um navio. Quando chegou, foi morar com uma tia afastada em Brooklyn, um dos condados de Nova Iorque, onde limpava casas para se sustentar a si própria e para enviar dinheiro à família.

Aos dezasseis anos regressou para a Suécia. Depois voltou de barco para a América, aos dezoito anos. Dez anos mais tarde, regressou para a Suécia e, pouco tempo depois, casou com Axel Wilhelm Olson, em janeiro de 1912.

Uma vez que era soldado da Cavalaria Sueca, o Axel recebeu uma propriedade na América em troca dos seus serviços militares. A Agnes e o Axel decidiram começar a vida conjunta em Ong, no Nebraska, onde moravam outros suecos. Com pouco dinheiro e escassos recursos, reservaram bilhetes para a terceira classe de um navio que partiria rumo à Inglaterra. Mas a viagem da Suécia até ao porto de Southampton, em Inglaterra, foi muito penosa e quase sempre a cavalo. Chegaram atrasados e o navio para o qual tinham feito reservas já partira. Esse navio chamava-se *Titanic*.

Quando o avô Axel e a avó Agnes chegaram finalmente ao condado de Clay, no Nebraska, os prados ainda estavam cheios de bisões, de lobos, de gazelas e de búfalos. John Frémont, conhecido como *O Descobridor de Caminhos*, explorara a região enquanto procurava um caminho mais curto para o Oeste, e os primeiros colonos chegaram em 1857. O meu avô e a minha avó constituíram família nesse terreno austero. Era uma vida difícil. Em meados dos anos 1930, entre a Grande Depressão e a seca do Dust Bowl<sup>1</sup>, já só os mais fortes tinham sobrevivido. Mas o meu avô conseguiu ganhar a vida como carpinteiro e a minha avó criou seis filhos.

Deram grande ênfase à fé em Deus e insistiram em que a educação fosse a chave para a sua nova vida na América, onde tudo era possível. Todos os seus filhos concluíram a universidade. O foco da família na fé e na educação levou indubitavelmente o

---

<sup>1</sup> Fenómeno climático de tempestade de areia que ocorreu nos Estados Unidos na década de 1930 e que durou quase dez anos. Foi um desastre económico e ambiental. (NT)



meu pai a acreditar, como ele próprio dizia, que tinha vocação para pastor. Depois de casar com a minha mãe e de terminar a universidade, fez um mestrado no Union Theological Seminary, em Nova Iorque, no ano de 1946.

Era habitual ele falar sobre o tempo que tinha passado no Union Theological Seminary, onde se sentia privilegiado por ter sido aluno de alguns dos maiores teólogos dos anos 1950. Reinhold Niebuhr e Paul Tillich eram os seus professores, e Henry Sloane Coffin era o presidente emérito. O meu pai tinha imenso orgulho na sua educação, e nunca perdeu nem o seu amor pela teologia nem a sua profunda dedicação a Deus.

Tudo o que aprendi sobre o Céu foi-me transmitido pelo meu pai e pela nossa igreja. A fé presbiteriana que herdei dita que, quando morremos, a nossa alma parte para junto de Deus. Além da catequese, dos sermões e das leituras da Bíblia, inúmeras conversas com o meu pai ajudaram a formar o meu primeiro conceito do que eram o Céu e a vida depois da morte.

Uma conversa em específico ficou-me na memória. Aconteceu por volta de 1960, quando eu tinha nove ou dez anos. Eu e o meu pai estávamos a passear na Baixa de Hamilton, no Ohio, onde morávamos. Tratava-se de uma comunidade com 75 000 habitantes perto de Cincinnati, no sul de Ohio. Estávamos numa rua estreita perto da igreja presbiteriana de Front Street, onde ele servia como pastor. Devíamos estar a caminho de uma aula de catequese ou de um ensaio do coro. Recordo-me claramente de tocar-lhe na mão, e de pedir-lhe que parasse e se baixasse para falar comigo. Tinha uma pergunta a fazer. Não era se havia ou não havia Céu, mas sim onde é que ele ficava exatamente. Ele recitou João 14, 1-2: «Não permitais que o vosso coração se preocupe. Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fosse, Eu vo-lo teria dito. Portanto, vou para preparar-vos um lugar.»

Em seguida, ficou muito quieto e falou-me olhos nos olhos. Deu-me o exemplo da nossa família e do amor que temos na nossa casa aqui da Terra. Disse-me que também era assim no Céu. E que, tal como ele e a minha mãe jamais me abandonariam ou deixariam de me amar, Deus fará o mesmo no Céu. Deus também tem uma casa e um lugar seguro para todos nós, um dia. E terminou a nossa pequena conversa a dizer-me que Deus é infinito, que vive connosco e dentro de nós, não só aqui como também no Céu, quando morreremos.

Agora, ao refletir sobre essa conversa, fico admirada com quanto o meu pai trabalhou quando estava no seu auge. Era incansável e dedicado, ocupando os dias com visitas ao hospital, sermões, casamentos e funerais. Mas o mais importante era a sua fé e a sua dedicação total a Deus. Costumava ouvi-lo à noite a rezar baixinho, sozinho, e prestava imensa atenção ao sussurrar tranquilizador das suas palavras, sem compreender tudo o que significavam mas sentindo uma reverência que ainda hoje se mantém.

O meu pai ensinou-me outra coisa que ficou comigo para toda a vida: não existe um meio-termo no que diz respeito à verdade. Aos meus olhos, ele era a encarnação viva de uma personalidade forte. Era frequente dizer: — A personalidade é o destino. — Claramente herdeiro da independência da mãe sueca, encorajou-me a questionar e a examinar para poder formar as minhas próprias opiniões. — Tens de fazer sempre o que for mais correto, por muito difícil que seja — disse-me.

Em retrospectiva, estou convencida de que a minha infância e a minha adolescência foram períodos em que pus a autoridade em primeiro lugar. E, tal como muitos outros no Meio Oeste durante os anos 1950, fi-lo de livre vontade. No meu caso, o meu pai era uma figura de autoridade dupla: era meu pai e meu pastor.

Nos anos que se seguiram, fui gradualmente aprendendo que a fé é muito mais complicada do que simplesmente «acreditar». Também devo isso ao meu pai. Como muitas outras pessoas, eu queria ver mais além para poder colocar mais perguntas. Por volta da segunda fase da minha vida — isto é, entre os vinte e um e os cinquenta anos —, andei em busca de uma vida espiritual mais profunda, ao mesmo tempo que procurava uma vida mais profunda em todos os outros sentidos. Embora me sentisse grata pelos valores religiosos que me tinham sido incutidos em casa e na igreja, continuava a dar por mim à procura. Era inquiridora e curiosa; procurava tanto uma estrutura intelectual e filosófica quanto um estímulo religioso.

Mais uma vez, o meu pai foi uma grande ajuda. Quando eu tinha quarenta e quatro anos, recomendou-me uma lista de livros. Apesar de muitos serem abstratos, projetaram a minha expedição espiritual para outros domínios. Esses livros foram além da minha educação cristã clássica e desafiaram-me a pensar de forma mais abrangente:

- O *Homem em Busca de Um Sentido*, de Viktor E. Frankl;
- O *Medo à Liberdade e Sociedade Sã*, de Erich Fromm;
- O *Homem Contra Si Próprio*, de Karl A. Menninger;
- O *Homem, Esse Desconhecido*, de Alexis Carrel;
- O *Homem à Procura de Si Mesmo e Amor e Vontade*, de Rollo May;
- On Being a Real Person [Ser uma Pessoa Real]*, de Harry Emerson Fosdick;
- Reverence for Life [Respeito pela Vida]*, de Albert Schweitzer;
- Spirit and Reality [Espírito e Realidade]*, de Nicolai Berdiaev;
- The Higher Happiness [A Maior Felicidade]*, de Ralph W. Sockman;

*A Coragem de Ser*, de Paul Tillich;

*A Natureza e o Destino do Homem*, de Reinhold Niebuhr.

Lancei-me de cabeça e li avidamente. Algumas das coisas que li excediam a minha compreensão. Mas, quanto mais lia, mais começava a aceitar a ideia de que havia... sim, havia mais qualquer coisa. Essa revelação não diminuiu a minha fé em Deus. Antes pelo contrário. Era uma felizarda por não ter medo de desviar-me do caminho e satisfazer a minha curiosidade. Fora o meu próprio pai quem dissera: — Prefiro que investigues e que desafies a tua própria fé do que a sigas cegamente.

Se o meu pai teve um papel tão importante no meu desenvolvimento e na minha evolução religiosa e espiritual, com a minha mãe deu-se completamente o oposto. Nunca nos demos particularmente bem, e a nossa relação era muitas vezes conturbada. Tratava-se de um caso típico de choque de personalidades. Talvez não seja assim tão incomum as mães terem um relacionamento complicado com as filhas. Conheço muitas mulheres que me contaram conflitos semelhantes com as suas mães. E, curiosamente, muitas vezes acabo por criar uma amizade próxima com essas mulheres.

Tudo começou quando eu era miúda. A minha mãe irritava-me e calculo que eu também a irritasse. Não sei dizer porquê. Muitas vezes pensava que ela não gostava de mim por eu ser uma rapariga e não um rapaz. Ela praticamente idolatrava os meus irmãos. Talvez fosse uma questão de competição ou de ciúmes em relação ao meu pai. Seja qual for a razão, parece-me que ela era uma pessoa desagradável na forma como me tratava. Não digo que eu não fosse merecedora de parte desse tratamento. Podia ter sido mais madura aquando das nossas confrontações, mas por algum motivo recorria frequentemente a um comportamento

imaturo. Com o tempo, foi-se tornando um padrão que persistiu ao longo das nossas vidas. Não era uma questão de amor. Eu amava-a e sei que ela me amava também. Talvez fosse uma luta de forças.

Podia escrever uma coleção inteira de histórias sobre a relação com a minha mãe. Num Dia de Ação de Graças, estava eu na casa dos trinta anos, os meus pais vieram visitar-me. Nessa altura, estava a trabalhar em publicidade havia pelo menos uma década, no departamento comercial do *The Los Angeles Times*. Depois do jantar, eu e a minha mãe estávamos a lavar a louça quando ela me disse: – Sabes, os teus irmãos tornaram-se muito mais conservadores politicamente do que a forma como eu e o teu pai os educámos. Estamos desiludidos por eles não terem preservado a nossa perspetiva liberal. Acho que deve ser por trabalharem na área comercial.

Respondi-lhe: – Bem, eu também trabalho na área comercial, mãe, e isso não aconteceu comigo.

Ao que ela replicou: – Não, tu não trabalhas na área comercial. Trabalhas em publicidade.

Fiquei sem palavras.

Anos mais tarde, quando deixei o *The Los Angeles Times* para ir trabalhar para o *The Sacramento Bee*, falei durante um jantar com a minha mãe e o meu pai sobre o meu novo trabalho. Ser diretora de um jornal não era uma responsabilidade insignificante.

A resposta da minha mãe foi: – Não achas que vais precisar de formação para isso?

«Formação? Acho que vinte e três anos de experiência já bastam, não lhe parece?»

Em vez deste pensamento, limitei-me a sorrir e disse: – Pode passar-me as ervilhas, por favor?

A minha mãe era mestra em fazer-nos sentir culpados. Um dos incidentes mais lamentáveis envolveu o avô Thorndike, o seu pai. Harry Thorndike era o avô quintessencial e todos o adorávamos. Era divertido, inteligente e trabalhador; adorava e idolatrava a Ada, a nossa avó, como nunca vi amar mais ninguém. Era proprietário de um armazém em Cambridge, no Nebraska, onde a minha mãe tinha crescido. O avô Thorndike morreu quando eu tinha cerca de trinta anos. Pouco tempo depois, a minha mãe e o meu pai vieram visitar-me. Tínhamos acabado de sentar-nos para jantar quando a minha mãe se virou para mim e disse: — Sabes o que encontrei na gaveta da secretária do teu avô, na casa deles?

Respondi-lhe: — Não faço ideia.

— Bem, encontrei uma carta tua em que dizias que ias mandar-lhe algo até determinada data. Ele tinha inclusivamente escrito uma nota a dizer: «A Jane vai enviar-mo em breve»; mas sabes que mais? Não chegaste a enviá-lo antes de ele morrer.

Fiquei de rastos. Qual balão de hélio a perder rapidamente ar, senti-me a desfalecer. Porque é que ela tinha decidido dizer-me aquilo, quando sabia quanto eu o adorava e quanto isso me magoaria? E, pior ainda, quando não havia forma de remediar a situação. Ou pensava eu, na altura.

— Pode passar-me as batatas, por favor? — pedi.

Nessa noite, sonhei com uma escadaria longa e estreita que conduzia ao terceiro piso de uma habitação. Olhei para cima e vi uma luz brilhante no cimo das escadas. Segui a luz e, agarrada ao corrimão, subi lentamente cada degrau até alcançar o terceiro piso. Virei à esquerda e vi um pequeno corredor com várias portas brancas. Percorri o corredor e parei junto à primeira.

Havia uma simples ficha de arquivo cravada na porta. Com um recado. Dizia: «Querida Janis, não te preocupes com a carta. Eu sei que me amas e eu amo-te também. Avô.»